



A importância da Educação Sexual para os alunos, seus pais e/ou responsáveis na Escola Balbina Mestrinho no município de Novo Airão, Amazonas, Brasil

The importance of Sex Education for students, their parents and/or guardians at the Balbina Mestrinho School in the municipality of Novo Airão, Amazonas, Brazil

Neliany Castro de Menezes¹ Maria Selma da Silva²

Submetido: 08/04/2024 Aprovado: 25/05/2025 Publicação: 02/06/2025

RESUMO

O presente estudo explana sobre a importância da educação sexual para os alunos e seus familiares na escola municipal Balbina Mestrinho em Novo Airão – Amazonas. Tendo como objetivo geral avaliar a importância da educação sexual no contexto da escola e da família. Além de ter como metas específicas citar os principais desafios enfrentados pela família e orientar os pais e responsáveis de como tratar o tema da educação sexual com seus filhos, orientar a criança e o adolescente a se protegerem contra o abuso sexual, fazer parcerias com a comunidade escolar na busca de apoio na formação dos alunos. Demonstrar para a criança e adolescente a importância de conhecer melhor seu próprio corpo, prevenindo-se de problemas como: abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. A pesquisa aplicada teve o enfoque qualitativo, descritivo, bibliográfica e campo. A justificativa deste estudo se faz necessário por se tratar de um tema de extrema relevância nos dias de hoje, considerando a complexidade e diversidade das questões relacionadas à sexualidade que os jovens enfrentam.

Palavras – Chaves: Educação sexual. Importância. Escola e família.

ABSTRACT

This study explains the importance of sexual education for students and their families at the Balbina Mestrinho municipal school in Novo Airão, Amazonas. Its general objective is to evaluate the importance of sexual education in the context of school and family. In addition, it has specific goals to mention the main challenges faced by families and guide parents and guardians on how to address the topic of sexual education with their children, guide children and adolescents to protect themselves against sexual abuse, and establish partnerships with the school community in seeking support in the education of students. Demonstrate to children and adolescents the importance of knowing their own bodies better, preventing problems such as sexual abuse, sexually transmitted diseases, and unwanted pregnancy. The applied research had a qualitative, descriptive, bibliographic, and field focus. The justification for this study is necessary because it is an extremely relevant topic today, considering the complexity and diversity of issues related to sexuality that young people face.

Key Words: Sexual education. Importance. School and family.

¹ Mestra em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas, UNIDA. nelianycastro@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental, UTIC. mariaselma_silva@hotmail.com

1. Introdução

O presente artigo explora a importância da educação sexual para os alunos e seus familiares na Escola Municipal Balbina Mestrinho, localizada em Novo Airão – Amazonas. Tem como objetivo geral avaliar a relevância da educação sexual no contexto escolar e familiar. Entre as metas específicas, destacam-se: citar os principais desafios enfrentados pelas famílias; orientar pais e responsáveis sobre como abordar o tema da educação sexual com seus filhos; instruir crianças e adolescentes a se protegerem contra o abuso sexual; estabelecer parcerias com a comunidade escolar para apoiar a formação dos alunos; e demonstrar a importância de conhecer melhor seu próprio corpo, prevenindo problemas como abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.

A pesquisa aplicada adotou um enfoque qualitativo, descritivo, bibliográfico e de campo. A justificativa para este estudo se fundamenta na extrema relevância do tema nos dias atuais, considerando a complexidade e diversidade das questões relacionadas à sexualidade enfrentadas pelos jovens.

Este tema foi escolhido devido à quantidade significativa de alunas com gravidez precoce e ao aumento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) no município, situações que impedem o avanço escolar dessas estudantes, acarretando prejuízos em sua aprendizagem e preocupando professores, gestores e pais. Apesar de existirem opiniões contrárias que defendem que a educação sexual é desnecessária e pode comprometer a inocência de crianças e adolescentes, o presente estudo reforça sua importância.

A sexualidade pode ser compreendida como um processo construído ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, influenciado por aprendizagens e experiências sociais e culturais (LOURO, 2008), e está relacionada ao prazer e à qualidade de vida. Inicialmente, a educação sexual ocorre de forma informal, por meio das relações com o ambiente, tendo a família como referência principal; posteriormente, manifesta-se formalmente, como prática pedagógica, nas escolas e demais instituições sociais (FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2011a).

2. Marco teórico

2.1. A educação sexual: sua importância e sua contribuição

Propondo aos educadores rever, ampliar conceitos e condutas sobre sexualidade na escola, interferências do tema no ensino-aprendizagem e na vida dos envolvidos. Considerando a ampliação da reflexão dos educadores sobre sua própria sexualidade e a escuta detalhada das vicissitudes

da sexualidade do adolescente, para estabelecimento de proposta de trabalho coletivo com a comunidade escolar ou individual desenvolvida pelo professor com seus alunos.

A esse respeito convém destacar Suplicy:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciências, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.
(SUPPLY, 1994, p. 42).

Dentre as contribuições políticas que abordaram a temática, destacam-se os documentos produzidos a partir de conferências realizadas no Cairo e Pequim, na década de 1990, que atentaram para temas como direitos humanos, liberdade sexual, saúde e educação. Enfatizou-se a responsabilidade dos Estados em facilitar o acesso às informações. Como Milene Fontana Furlanetto, Franciele Lauermann, Cristofer Batista da Costa e Angela Helena Marin CADERNOS DE PESQUISA v.48 n.168 p.550-571 abr./jun. 2018 553 relativas à saúde sexual e reprodutiva por meio de políticas públicas e desenvolver ações que abrangessem temáticas de planejamento familiar, métodos contraceptivos, aborto seguro (conforme a permissão do país), aconselhamento e serviços obstétricos (MORAES; VITALLE, 2015; TAQUETTE, 2013).

2.2. Educação sexual na escola

O trabalho realizado pela escola denominado aqui de Educação Sexual, não substitui e nem concorre com a função da família. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Falar sobre educação sexual nas escolas está muito em alta atualmente. A questão, inclusive, extrapolou o espaço educacional e está sendo discutida no campo político e no dia a dia das pessoas. Sabemos que o tema não é simples. Vista como tabu por boa parte da sociedade, a educação sexual infantil e juvenil está cercada por polêmicas e, às vezes, é tratada de forma pouco transparente ou até desonesta.

Logo, no final da década de 1990, foram construídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com o objetivo de ser uma referência e orientações pedagógicas para os profissionais da área educacional, e foram propostos pelo MEC para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país, incluindo o tema transversal da Orientação Sexual (SAYÃO, 1997).

De acordo com o PCNs (BRASIL, 1997), acreditava-se que mesmo com as famílias apresentando uma grande resistência à abordagem dessa questão no âmbito escolar, ainda havia um

forte desejo para se introduzir o tema nas escolas, tendo em vista que é de extrema importância sua discussão e de como as famílias ainda encontram dificuldades em abordá-lo com suas crianças e jovens. Duas décadas depois, a realidade tornou-se bem diferente, pois estamos passando por uma onda de opressão extrema do direito das mulheres e de suas constantes lutas.

O Trabalho da Educação Sexual na escola é uma oportunidade de expor os educadores a um tema intimamente relacionado e influente do cotidiano escolar e, portanto, da formação do indivíduo. Na qual vem propiciar aos professores da escola um espaço de reflexão sobre a sexualidade. Essa reflexão pretende possibilitar o início de uma proposta de trabalho, seja ela coletiva (no nosso caso seria o ideal), com o envolvimento de toda a comunidade escolar, ou individual, caracterizada por trabalho desenvolvido pelo professor, dentro de suas possibilidades de atuação dentro e fora da sala de aula com seus alunos. (AYRES, 1981, p. 553).

A Educação Sexual na escola vem contribuir para a prevenção de problemas graves como gravidez precoce, abuso sexual, aborto, prostituição e pornografia, além de abrir espaço para discussões sobre iniciação sexual, masturbação, menstruação, namoro, homossexualidade e outras questões e curiosidades inerente à idade.

O trabalho da Educação Sexual na escola é assim denominado por similaridade ao conceito de orientação dentro do modelo pedagógico: problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque do conhecimento e de opções para que o aluno escolha seu caminho. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

2.3. Perfil do educador

O professor exerce um importante papel na sexualidade da criança e do adolescente, orientando-a no dia-a-dia. A sexualidade deve ser orientada de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o educador esteja preparado diante das perguntas das crianças e manter uma postura investigativa e de disponibilidade, buscando entender o que realmente a criança quer saber com aquilo que perguntou. A fim de que tenha mais elementos para satisfazer suas dúvidas, o docente deve procurar responder exatamente aquilo que foi perguntado de um modo que possa ser compreensivo para a criança, evitando respostas fantasiosas e evasivas.

Vale ressaltar que trabalhar com a sexualidade da criança tem que estar dentro dos fundamentos pedagógicos que devem ser contemplados no âmbito educacional, assim encaminhando para coisas que possam ser abordadas do ponto de vista educativo, apresentando, por exemplo, os livros paradidáticos que abordem o desenvolvimento sexual dos seres humanos, dos animais, das plantas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ainda abordam que:

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário

então que os educadores tenham acesso à formação específica para tratar de sexualidade com criança e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato deste tema. (BRASIL, 1997, p. 38).

Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento do jovem e da criança. De acordo com Suplicy (1994, p. 18) "É importante que o professor demonstre que as manifestações da sexualidade são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano".

Segundo Silveiras (2002), pesquisas atuais mostram que há evidências de que as crianças não entendem totalmente vários aspectos ligados à sexualidade a despeito de se envolverem em uma diversidade de conduta sexual. É esperado que a educação sexual esteja dentro de um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo dos alunos, de forma que eles possam obter um conhecimento básico sobre as origens de cada um, criando um desejo de saber mais.

2.4. Relação escola – família

O trabalho da Educação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complemento à educação dada pela família. Nesse sentido, a escola deverá informar aos familiares do aluno sobre a inclusão de conteúdos de educação sexual na proposta curricular, assim como explicitar os princípios norteadores da proposta.

O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas, para tornar pertinente esta relação.

Acerca disto, Ribeiro (1993, p. 21) afirma: A escola deve informar aos pais sobre o projeto da educação sexual para que os pais concordem e estejam cientes, evitando serem pegos de surpresa com frases ditas pelos filhos como: "hoje a professora mostrou um pênis e uma vagina".

É necessário que a escola seja eficaz em suas ações dentro do seu próprio contexto, na comunidade, com a família, trabalhando de maneira integrada favorecendo subsídios para que estas famílias tenham condições de responder às necessidades, dúvidas, questionamento dos adolescentes, a fim de saná-los. Pois um projeto na escola, principalmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental, deve ser constituído e elaborado de forma gradativa, articulado, estruturado, ampliando e ganhando consistência, com o decorrer do tempo escolar dos adolescentes.

As diretrizes Curriculares (2008) registram a importância de um projeto educacional na instituição escolar, planejado e organizado com os demais profissionais e a comunidade escolar.

O sentir-se bem no âmbito da sexualidade constitui um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal (SIQUEIRA, 2001). Assim, tem sido percebida nos últimos anos a necessidade do envolvimento da família e da escola no processo de educação sexual dos adolescentes, nomeadamente pelo fato deste envolvimento proporcionar esclarecimentos e reflexões para que os jovens desfrutem a sua sexualidade de maneira saudável e responsável.

O grande desafio da educação sexual é contribuir para que os jovens exponham suas dúvidas e as esclareçam, superem preconceitos e estereótipos e desenvolvam atitudes saudáveis relacionados à sexualidade.

De acordo com Souza (1991), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Conforme ressaltado por ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2013), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e/ou adolescentes têm de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade; de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico; de compreender seu próprio comportamento e o do outro.

Frente ao exposto, a família e a escola, corresponsáveis pela formação do indivíduo, deve possibilitar aos jovens uma educação sexual que, pressupõe a busca de uma sexualidade emancipatória, ou seja, uma sexualidade gratificante, socialmente livre e responsável, subjetivamente enriquecedora concebida como parte integrante e essencial da vida humana. A educação sexual emancipatória pressupõe o desenvolvimento de ações educativas com a finalidade de promover a autonomia, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus (GARCIA, 2005).

O “não dialogar”, desse modo, facilita a exposição de adolescentes a situações de riscos relacionados ao exercício da sexualidade, como gravidez indesejada, contágio de infecções sexualmente transmissíveis e traumas psicológicos e emocionais resultantes da vivência de uma sexualidade frustrante (TRINDADE & BRUNS, 1999).

Estudos em educação sexual, no contexto familiar e escolar, são de fundamental importância, pois visam a refletir como ela é conduzida e trabalhada na família e na escola. A relevância de estudos em torno da temática “educação sexual” pauta-se na importância e contribuição de informações que possam auxiliar pais e educadores no desenvolvimento de uma educação sexual contextualizadora e contemporânea.

A identificação das limitações dos pais e professores para a educação sexual adequada pode contribuir para a melhoria desse processo (CHAVES et al., 2004). Desta forma, este trabalho, por meio de uma revisão da literatura, objetivou abordar os impasses e desafios no desenvolvimento da educação sexual por parte de pais e educadores, bem como discutir o valor da educação sexual na formação dos jovens.

É de suma importância, que a escola envolva as famílias no diálogo sobre sexualidade, promovendo eventos que possa falar da importância de se tratar a temática e orientar as crianças e jovens de forma eficaz e saudável. Porque, por mais que a escola cumpra com seu papel de ensinar, há uma necessidade de que a família compreenda e apoie esse trabalho, fazendo também a sua

parte, de instruir a criança e jovem a maneira certa de cuidar do seu próprio corpo e de valorizá-lo. E com isso, a parceria de família-escola precisa estar bem estabelecida, para que tudo se mantenha alinhado.

A interação família-escola torna-se fundamental, para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes. Deve-se ter em mente que a tarefa da educação sexual pode ser emocionalmente custosa aos professores, uma vez que são pertencentes a uma cultura carregada de equívocos e tabus, e nem sempre, se sentem disponíveis, tranquilos e maduros frente à própria sexualidade. (BUENO; MOIZÉS, 2010, p. 3).

É importante o professor ter encontros juntamente com a equipe gestora e pontuar aspectos que podem ocorrer no dia a dia com os alunos que necessitam de uma intervenção. Podem surgir situações compulsórias, inconvenientes e anormais com alguns alunos, sendo assim se faz necessário diálogos com as famílias e coordenação escolar, para que seja identificado a causa desse acontecimento ou se há relação apenas com processo de autoconhecimento.

2.5. A primeira educação

Há muitos anos, pregamos e defendemos que a educação não é um privilégio e responsabilidade exclusivamente da escola. Todavia, temos a consciência de que a própria sociedade se responsabiliza pela educação dos seus membros e os adéquam aos seus diversos seguimentos populares sociais ou instituições; que por sua vez tornam-se colaboradores diretos e indiretos na construção educacional.

Dentre esses, destaca-se a instituição familiar que de acordo com Weschenfelder (2007, p.15) “pode ser uma instituição potencializadora de pessoas saudáveis (...) ou geradora de insegurança, desequilíbrio e de todos os tipos de desvio de comportamento”. É nessa instituição (a família), que o indivíduo se insere plenamente na sociedade, e onde se encontra os recursos valiosos para o seu desenvolvimento intelectual, social, moral e pessoal.

A família sempre foi base de todas as formações existentes no mundo para tais fins os grandes pensadores, médicos, cientistas e intelectuais de modo em geral, tiveram como referência e ponto de partida a sua célula máter e geradora da existência do ser humano. O seio familiar seja ele participativo ou ausente estará sempre contribuindo para o aprendizado do dia a dia, através dos pais que são verdadeiros pedagogos por excelência.

Nos primeiros momentos, os pais não se dão conta que todos os seus atos estão sendo catalogados e registrados pela ação cognitiva da criança recém-nascida e se estendendo pela fase de desenvolvimento motor e sensorial. Há quem afirme, que elas, as crianças, começam a sua percepção antes do seu nascimento através dos fatores emotivos transmitidos na gestação pela sua genitora (mãe).

No entanto, é na fase fálica que segundo Freud apud Barros (2002, p. 83) a criança passa a imitar os seus pais, tentando se vestir igual ou desempenhar papéis semelhantes a eles, bem como, repetirem o que seus pais lhes tinham ensinado através de gestos, atos e palavras ditas aos mesmos, diariamente em seus contatos e momentos de lazeres.

É no lar que todo ser humano deveria ter sua primeira educação. De acordo com a sexóloga Marta Suplicy, uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos dois ou três anos de idade, mesmo sem o uso das palavras. A maioria o fará com quatro ou cinco anos de idade. Suplicy (1983, p. 36).

Nesta fase, o que a criança quer saber é muito pouco, não é preciso explicar detalhes, mas também não minta, não brigue, não desconverse, explique o básico na linguagem que eles possam entender.

Quando a criança descobre que os pais estão mentidos ela se sente enganada como afirma Suplicy, "No momento que seu filho descobriu que você o engana você não será mais o pai ou mãe perguntável. Você perde a credibilidade, mas seu filho continua curioso e perguntará aos colegas." Suplicy (1983, p. 36).

As primeiras perguntas feitas pelas crianças geralmente são: Por que o pipi do papai é maior que o meu? Por que ele tem esses pelinhos e eu não? Onde está o pipi da mamãe? Por onde saem os bebês? Isto acontece porque nas primeiras perguntas infantis a criança faz uma constatação do que se observa segundo Suplicy.

2.6. Orientação sexual

De acordo com Fernando Luiz Cardoso (1996 p. 7), “o conceito de orientação sexual (...) [pode ser] relativizado como as muitas possibilidades de prazer. Assim, orientação sexual não é o mesmo que prática sexual (aquilo que as pessoas fazem no sexo) nem que identidade sexual (como as pessoas se sentem ou são nominadas a partir de suas práticas sexuais) ”. Esse é mais um dos equívocos construídos que corroboram para reforçar o preconceito sobre pessoas não-heterossexuais.

Para dificultar mais ainda o entendimento sobre orientação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) promoveram a difusão da expressão opção sexual indevidamente, uma vez que, como documento norteador dos currículos escolares na década de 1990, definiram como Orientação Sexual a orientação pedagógica a ser dada à sexualidade nas escolas.

Além disso, ao propor a inserção da discussão sobre orientação sexual por meio de temas transversais, esse material sugere orientações pedagógicas fundamentadas em uma concepção intencional e politicamente construída de educação acerca da sexualidade, baseada na prevenção à gravidez na adolescência e às DST/HIV/Aids, somente.

Com a publicação e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, decorrentes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o tema Sexualidade e orientação sexual recebeu atenção oficial e passou a fazer parte da lista de temas transversais que deveriam ser tratados pelos professores em sala de aula nas disciplinas curriculares sob sua responsabilidade (BRASIL, 2000).

O trabalho sistemático de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, também, com a promoção da saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens. A existência desse trabalho possibilita a realização de ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis/Aids de forma mais eficaz.

Existe diferença entre Educação Sexual e Orientação Sexual? Existe, sim, como diz Vitello.

Para Vitiello (1997, p. 95) “a orientação implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos”. Isso difere do conceito de educação sexual como vemos a seguir.

Educação é um processo longo que abrange toda a vida e que o educador dá ao educando condições e meios para que ele possa crescer, tanto em maturidade quanto em novos conhecimentos. Educar, no sentido mais amplo, significa formar. Significa dizer que o indivíduo apreende e aprende, o que o faz crescer no conhecimento e isso contribui com a sua formação.

Na questão da educação sexual a família deve ter grande empenho para que isso possa acontecer porque é um processo mais demorado, que abrange as fases da vida, ou seja, infância, adolescência e até adulto. A orientação sexual pode se referir apenas a alguns temas ou dúvidas surgidas momentaneamente e isso tanto a família quanto a escola podem contribuir com as orientações cabíveis, apesar de que professores poderão ter dificuldades nessa orientação.

2.7. Prevenção às DST/AIDS e à gravidez precoce

A sexualidade faz parte da vida do ser humano e o exercício desta pode ser visto como fonte de imenso prazer e expressão de sentimentos profundos como também, se a vivência da mesma não for exercida de forma responsável pode gerar graves transtornos na vida pessoal e social do indivíduo.

No caso da adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e a gravidez precoce são fatos constatados e entendemos que ocorre a falta de informações sendo que, o silêncio,

o medo, e outros sentimentos negativos parecem limitar as escolhas destes jovens, e às vezes, criam situações de difícil atuação para os pais, mães e professores que com eles lidam.

Diante do contexto vivido em nossa escola EETI Balbina Mestrinho com os estudantes, sentimos a necessidade de conscientização os Anos Finais do Ensino Fundamental com relação à temática educação sexual, o que justifica o presente projeto, a fim de conscientizar e refletir com as estudantes questões como a gravidez precoce, abusos sexuais e as doenças sexualmente transmissíveis (DST), como exemplo, a AIDS e as Hepatites virais, entre outras infecções.

Segundo Roche (2008), a sexualidade é uma coisa natural nos seres humanos. Frequentemente estimulamos a evolução de nossos filhos em vários aspectos (comer sozinhos, andar, ler...), mas com a sexualidade somos cuidadosos e até mesmo preconceituosos.

Enquanto toda sociedade não encarar a questão de frente, esse "jogo de empurra" continuará ocasionando consequência graves e, por vezes irremediáveis, tais como: DST/AIDS, violência sexual, dificuldade de relacionamento e gravidez precoce. Cabe expor alguns dados que comprovam isso.

A14ª Conferência Internacional de Aids divulgou um estudo apontado que no mundo, seis em cada vez novos casos de doenças ocorrem em pessoas com menos de 24 anos. O Brasil acompanha essa estatística alarmante. A faixa em que a doença mais cresce no país está entre 15 e 19 anos. Segundo o mesmo relatório, 0,5% dos nossos jovens entre 15 e 24 anos são portadores do vírus HIV.

Segundo a AAP Comittee on Adolescence Apud Papalia

Um em cada três casos de DST's ocorre entre adolescente; quanto mais jovem o adolescente, maior o risco de infecção. Os principais motivos para a disseminação das DST's entre os adolescentes são a atividade sexual cada vez mais precoce, a qual aumenta a probabilidade de ter múltiplos parceiros de alto risco, e a não utilização de preservativos ou uso irregular e incorreto dos mesmos. (PAPALIA, 2000, p. 323).

A gravidez na adolescência tem sido identificada como um dos grandes problemas de saúde pública tanto no Brasil como em muitos outros países. Isso porque dos pontos de vista biológicos, psicológicos e principalmente sociais, a adolescência não é considerada a melhor fase da vida, para que ocorra uma gravidez. Diversos fatores podem ser identificados como os principais responsáveis pelo número crescente de gestações entre adolescente. Osório acredita que:

A idade média da primeira menstruação das adolescentes vem diminuindo cerca de quatro meses a cada década. Atualmente, encontra-se na faixa de 12 a 13 anos. Paralelamente, iniciação sexual das adolescentes está ocorrendo em idades cada vez mais precoces. A idade média da primeira atividade sexual da mulher está em torno de 15 a 16 anos. (OSÓRIO, 1989, p. 128).

O início da atividade sexual pode ficar então, ligado à situação de risco e as experiências pouco prazerosas, influenciando negativamente na saúde sexual dos adolescentes. Para Zigler Apud Papalia (2000, p.365), infelizmente, esta liberação do sexo trouxe consigo resultados catastróficos, pois por falta de orientação os jovens acabam tendo atividades sexuais de forma irresponsável sem saber da importância dos meios de prevenção, o que contribui para um aumento do índice de gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis.

3. Análise e discussão dos resultados

Esta pesquisa consiste na necessidade de identificar os fatores que interferem na prática da Educação Sexual na escola, atividade importante e necessária para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos alunos, permitindo que as pessoas envolvidas no processo educativo tenham maior acesso a esse tipo de informação.

Ao contrário do que muitos acreditam, entende-se que os resultados das pesquisas, sejam eles positivos ou negativos, nos fornecem respostas sobre como podemos lidar com os problemas investigados. O trabalho desta pesquisa vem sendo desenvolvido desde 2022, tendo sido realizado por meio de entrevistas com vinte e cinco (25) pessoas — dez (10) do sexo masculino e quinze (15) do sexo feminino — compostas por pais, alunos e professores do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Balbina Mestrinho. Foram aplicadas dez (10) questões, e também realizadas observações que já fornecem subsídios para algumas considerações que serão apresentadas a seguir.

Os dados coletados indicam que tanto alunos quanto pais e professores reconhecem a importância da Educação Sexual no ambiente escolar. Isso confirma que o tema é relevante para o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. É possível observar diferenças nas opiniões entre os três grupos entrevistados (pais, alunos e professores). Por exemplo, os pais podem demonstrar mais preocupação com a abordagem e o conteúdo das aulas, enquanto alunos tendem a valorizar a informação direta e esclarecedora. Já os professores podem apontar desafios na aplicação efetiva da Educação Sexual devido a limitações curriculares ou falta de preparo.

A pesquisa pode ter identificado fatores que dificultam a implementação da Educação Sexual, como tabus culturais, falta de recursos didáticos, resistência familiar ou mesmo desconhecimento por parte dos educadores. Essas barreiras precisam ser enfrentadas para garantir que a informação chegue de forma clara e adequada aos alunos. A Educação Sexual, quando aplicada de forma adequada, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, autonomia e saúde dos

estudantes. Eles ficam mais preparados para tomar decisões conscientes e responsáveis em relação à sua sexualidade e relacionamentos.

4. Considerações Finais

Esperamos que este trabalho seja útil na formulação de uma visão de sexualidade relevante, capaz de propiciar condições para que os cidadãos e cidadãs desenvolvam prazer em ter ideias e imaginar novas formas de convívio social. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 117) preconizam: “Cada sociedade cria um conjunto de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo, considerando a sexualidade nas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais.”

A escola, em conjunto com a comunidade, pode promover ações conjuntas para soluções de problemas como a gravidez na adolescência. A educação é prioridade de todos e precisamos passar por esse processo.

No contexto da atual história política neoliberalista, essas palavras soam um tanto distantes da nossa realidade. A escola tradicionalista não consegue mais canalizar e desenvolver as potencialidades do aluno, e a nova escola da psicologia contribui para esse desfecho. O que se observa hoje nas salas de aula é uma grande inversão de valores. Os jovens sabem muito sobre sexo, mas o praticam com total irresponsabilidade. É comum encontrarmos crianças com dez anos de idade ou menos que já iniciaram sua atividade sexual, impulsionadas pela banalização do sexo pelos meios de comunicação.

Conclui-se, a partir desta pesquisa, o quão importante é a escola para a vida das pessoas. Ela é a base construída e reformulada, capaz de atender a todas as classes sociais e de promover soluções para problemas como gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. Dessa forma, o trabalho de educação sexual dentro da escola torna-se estimulador e promotor da saúde dos adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento saudável de sua sexualidade e ajudando-os a discernir atitudes e conceitos.

Referências

ARIES, Philippe. História Social da Criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AYRES, J. R. M. HIV/AIDS, DST e abuso de drogas entre adolescentes: vulnerabilidade a avaliação de ações preventivas. São Paulo: Casa da Edição, 1996.

Ministério da Educação. Censo Escolar Nacional. Escola Estadual Balbina Mestrinho, 2022.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, DF, 1998.

BUENO, Francisco Silveira da. Dicionário da Língua Portuguesa. 11 ed., MEC, RJ, 1982.

CHAVES, G. B.; QUEIROZ, E.; GERRA, L .B. Apontamentos para Trabalho em Educação Sexual nas Escolas. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. Promover a educação sexual nas escolas. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/623/623.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de (org). Método e Metodologia na Pesquisa Científica. São Paulo: Difusão, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

GARCIA, A. M. A Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual, Bauru, São Paulo, 2005.

MORAES, Silvia Piedade de; VITALE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações ONU-Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, p. 2523-2531, 2015.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos. Desenvolvimento Humano. Trad. Daniel Bueno, - 7. ed. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVARES, E. F. M. Orientação sexual da criança. In: BRANDÃO, M.Z.S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B (Orgs.). Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 111-120.

SIQUEIRA, M.J.T.; FINKLER, I.; GUEDES, T.; MENDES, D.; VAVASSORI, M. (2001). Sexualidade e paternidade na adolescência: concepções de adolescentes do sexo masculino – pais e não pais – no município de Florianópolis.